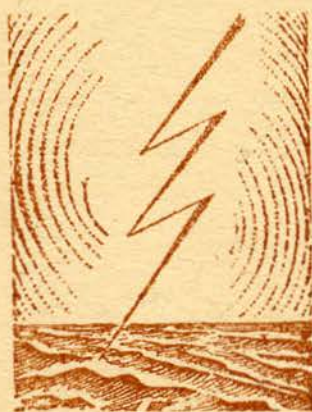


# CADERNOS DE POESIA

Direcção de MAYA VILLAÇA

2



EDIÇÕES ALTURA

ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA, LIMITADA  
P Ô R T O

**CADERNOS DE POESIA**

Direcção de  
**MAYA VILLAÇA**

# CADERNOS DE POESIA

## II

*Colaboram :*

Amândio César  
António Pereira  
António de Sousa  
Campos de Figueirêdo  
Carlos Queiroz  
Carmo Vaz  
José Moreira  
José Palla e Carmo  
José Régio  
Lorenzo di Poppa  
Manuel Terroso  
Miguel Trigueiros  
Pedro Homem de Mello  
Raíno  
Saúl Dias

*JOSÉ RÉGIO*

## O PEGO

Nadador que ao nadar, sem desistir, sentisse  
Chupá-lo, como polvo informe, o pego imundo,  
Ao mesmo tempo estou nadando à superfície  
E mais me afundo... em quê? e desço para o fundo...

De costas, vejo o azul, agito os pés e as mãos,  
Sinto nadar os mais, gozo o ar e as ondas, vou,  
Multiplicô, à flor de água, os movimentos vãos,  
Mantenho-me... porém, que fundo ou que alto estou!

Porque o céu que é, lá'cima, essa tranqüila curva  
De bom setim azul, que tão bem faz olhar,  
Se me abre a mim de mais, se liquefaz, se turva,  
Se encrespa, e me atrai como um outro e maior mar...

À flor da água em que nado, opresso e falso, agito  
Os pés e as mãos dum corpo a que me alheio...,  
[embora  
Lute, abafando um fundo, interminável grito,  
Por me agarrar a êle e a tudo o que é de fora...

O pego que me atrai sob a flor de água em que ando  
Seduz-me, como essoutro, azul, que se abre em cima,  
E, suspenso entre tais fôrças iguais, nadando,  
Eu sinto que já só fingir nadar me anima.

Os meus irmãos que ao pé dum tal nadar tremendo  
Nadam, mas naturais, como uma alga ou um peixe,  
Fugiriam, sentindo os pegos perto — e vendo  
Que é um cadáver, já, que entre êles inda mexe.

Mas não! não vêem nada! e falam-me, e eu res-  
[pondo  
Aos ecos duma voz que vem como chegada  
De cá de onde inda estou, sem ser de cá, compondo  
Um ar de também ser dos que não vêem nada...

CARLOS QUEIROZ

CANÇÃO DEPRESSA

Tudo agora é breve  
E pressa, depressa,  
Que importa que esqueça?  
Tudo agora é breve  
Mesmo o que se escreve.

Mesmo o que se sente.  
Tudo é breve agora.  
Ninguém está contente  
E mente quem chora.  
Tudo é breve agora.

Não há nada lento.  
Roubaram ao tempo  
O tempo que êle teve.  
Tudo agora é breve  
Só dura um momento.

Faça sol ou neve  
Com juízo ou louco  
Dôa muito ou pouco  
O tempo não chega  
Tudo agora é breve.

Que importa que esqueça?  
Vamos sem demora  
Vamos sem viver.  
Tudo é breve agora  
E pressa, depressa

— Pressa de morrer.

## CERTEZA

A paisagem fugiu.  
A vida ficou deserta.  
As almas ficaram nuas  
Tiritando de frio.

Os sentimentos dispersaram-se.

Ficou o ódio, só. (Para quê? Era inútil!  
Sozinho, sem sentido, indómito, grotesco)...

Quem se atreve a dizer: — Olha um anjo no céu?  
— O homem sabe que não tem mais sonhos  
E nem esconde às crianças  
Essa grande miséria.

Mas as crianças continuam a brincar.  
Mas os poetas continuam a cantar.  
Porque o mistério venceu.



## AMÂNDIO CÉSAR

### ESCOLA VAZIA

Eu fui lá nesse dia, como nos outros dias,  
só para ver, mas ver como se fizesse parte,  
as crianças brincar e saltar, despreocupadamente.

Os jardins estavam vazios de gritos infantis  
e um bibe verde-claro, ficou-se  
balouçando, no braço estendido  
de qualquer arbusto, ao acaso...

Os jardins estão vazios e mesmo os bancos  
não têm ninguém sentado;  
um livro aberto, cadernos pelo chão,  
e uma pena que rolou por rolar  
e está espetada como uma seta.

Só acácias tristes balouçam ao vento,  
balouçam e vão caindo, e o vento continua  
balouçando;  
só a escola está vazia,  
enquanto os aviões continuam passando, passando...

### DUNQUERQUE

Dunquerque foi isto,  
isto e nada mais:  
mil corpos de Cristo  
rasgados por chacais.

## FOI SEMPRE ASSIM...

Agora que tudo sabe a sangue,  
a pólvora e a morte,  
ninguém me peça outro lirismo que não seja  
a súplica de um rosto exangue,  
o rastejar tão baixo como a terra  
e um olhar tão vago como o norte  
de onde virá o fim da guerra...

Sim, ontem... mas onde estávamos todos  
que ficamos calados?

Onde os nossos cantos,  
onde as nossas pragas,  
e de nossos prantos

Todos descuidados!

Era fácil a vida onde tudo sucedia,  
como num romance bom,  
à noite o dia...

então?

Veio o sangue, a pólvora, a morte,  
em que nunca acreditamos!

E depois de duvidar... choramos.

## TURISMO DE GUERRA

Montes escarpados  
que foram de turismo,  
em cada ravina escondem a morte  
que passeia na terra...

A imagem sangrenta do heroísmo,  
sobre o cartaz  
da propaganda de guerra.

*LORENZO DI POPPA*

## ENCANTOS

Sacudo a desacostumada embriaguês  
e, pasmadas, entreabrem-se névoas,  
no horizonte. Caminho sem ruído,  
sombra noturna, e nem a injúria  
de meus irmãos me sacode,  
nem vozes de morte no sangue.  
Rio para o longe a coisas que não vejo.  
Caminho sem ruído,  
para não despertar alguém que sonhe,  
e vou para caminhos incertos.  
Oh o meu menino — o menino  
que eu fui — regressando do tempo  
com os olhos encantados de incurável  
engano!... Sussurros de vento  
tornam a contar as coisas de um dia,  
tornam a dizer os cantares suspensos  
do pânico. Caminhos incertos  
pelos jardins que renascem  
da adolescência. Castidade da hora.  
Murmuram rios, caminho  
ao mar desconhecido,  
caminho sob estrêlas.

## QUEDA

Porque te apeteceu subir muito alto,  
forçar o sonho, fugir à terra viscosa  
e com olhar crédulo  
enamorar diáfanos fantasmas?...  
Agora, precipitada, encontras-te flôr do solo  
suspensa sôbre o lôdo,  
e um rio de pranto inútil  
jorra dos olhos iludidos, alma.  
Semelhante ao floco de nuvem branca  
separando-se em ânsia de altura,  
fujo dos ventos enquanto chora  
negro sôbre a planície esquálida.

## CAMINHOS

E tu voltarás pela tua estrada  
solitária, sem árvores nem sebes  
de espinheiros e sem pedras e sem  
espinhos: via solitária atravez dos campos  
planos, que não se sabe onde conduz,  
nem donde venha ou porque seja. Longínqua,  
além o olhar, o desejo e o sonho,  
oh, longa marcha inútil,  
com o coração nas mãos como velho pêso  
odiado e querido, e com as pernas cansadas  
de muitos anos!... Nem ao sol luminoso  
te destinas, ó alma! Noturna  
caminharás — fantasma de leve claridade  
de lua — e o teu irmão  
não estará contigo a levar-te pela mão.

# MIGUEL TRIGUEIROS

## MOMENTO

Vamos, dá-me a tua mão.  
Deixa a noitinha tecer  
A teia do silêncio em derredor.  
Não digas que sim, ou não,  
Deixa o silêncio crescer,  
Aspira-o, como aspiras uma flor...

Um momento apenas, querida.  
Para que serve falar  
Quando fala em nós a vida?

Ah, como é bom descansar!

## INVOCAÇÃO

Senhor, dá-me as palavras exactas!  
Nem mais nem menos do que deva ser.  
Nada de frases torcidas e abstractas;  
Nada de imagens de côres baratas:  
Abrir a alma como um livro  
e ler.

## QUADRO VIVO

Ai, a caridade feita de exterior,  
Muito solene, muito silabada,  
Muito bem pesada,  
Muito dentro do orçamento,  
Como se houvesse racionamento  
De amor!

Ai, a caridade feita de encomenda,  
Com escrituração de compra e venda!

Ai, a caridade com a pedra no sapato!

Ai, a caridade bem conservadinha...

...Como a velha que tinha um gato  
E debaixo da cama o tinha!

SAÚL DIAS

DUAS POESIAS

I

Teus jovens anos floriram nos meus braços  
e eu tive uma braçada de flores  
numa manhã de Maio.

O sol caiu então num ligeiro desmaio,  
escurecendo a terra  
e ocultando  
as lágrimas de orvalho das ervinhas rasteiras.

E o teu corpo foi também o mês de Maio  
com cheiro a madre-silva e rosas trepadeiras.

II

No teu chapéu de palha  
há um pequenino ramo de flores artificiais,  
mas tão verdadeiras,  
tão reais...

Abençoadas as roseiras  
que dão rosas artificiais!...

## RAÍNHO

### NEVOEIRO

Barqueiro das margens do rio  
onde o sonho é a paigem,  
passa o vento, passa o frio  
e nunca fazes paragem.

És mais do rio que da margem,  
és mais sonho do que rio,  
és mais brisa do que aragem,  
és menos frio que o frio...

Barqueiro da barca perdida,  
para os remos que o vento quebrou,  
para o velame que o vento rasgou,

Para a mastreação partida!  
Barqueiro da margem do rio,  
que és menos frio que o frio...



## MARINHEIRO DEFUNTO

Fica no ondular do leme  
e vai perder-se pelo costado,  
mas fúria na vela que geme,  
como a de um navio desmantelado...

Passa no ondular do leme  
e vai quebrar-se pelo costado,  
mas parte no mastro que geme,  
como o de um navio desmantelado...

Cai no ondular do leme  
e vai alongar-se pelo costado,  
mas afasta na quilha que geme,  
como a de um navio desmantelado...

## DISFARCE DE UM CANTO PAGÃO

Fecha essa janela,  
tranca bem as portas  
e guarda as arrecadas  
e os aneis com elas,  
mas esconde a arca  
tranca bem a porta,  
guarda bem a arca.

Foge para casa  
mas foge depressa  
e guarda as arrecadas,  
mai-lo coração  
na arca do canto,  
mas foge depressa  
e guarda-o bem.

Os teus olhos são bonitos  
mas nada de pranto:  
esconde-os como os brincos  
na arca do canto.

Fecha essa janela  
e fecha-te em casa  
e guarda-te bem;  
tranca bem a porta  
e tranca o telhado  
cuidado... cuidado...

Cá fora não há luar  
nem se vê ninguém na rua:  
e há pouca gente que saiba  
Quem foi que roubou a lua...  
É encobertos pela noite,  
como não houve luar,  
roubaram o manto à Virgem  
que dormia num altar

*PEDRO HOMEM DE MELLO*

## BODAS VERMELHAS

Fere-me, vá! Vem a mim Pôvo!  
Com teu espírito grosseiro!  
Teu corpo de acre vinho novo  
De que me causa náusea o cheiro!  
Eu seja o último céguinho!  
Vem a mim pôvo! E o amor que mintal  
Vem com as mangas plumbeas de linho  
E com a faixa vermelha à cinta!...  
Ai dos prodígios de beleza!  
— Beleza surda que nos mata!...  
Vem a mim pôvo! de carne prêsa  
Aos écos cínicos da prata!...  
Com tua dança que não é tua,  
Com o teu desejo inconsciente,  
Sombra do mar, do sol, da lua  
A lembrar bichos que lembram gente!...  
Com teu olhar que não vê nada  
A não ser pau que se descubra,  
Com a tua bôca espêssa e rubra.  
Com tua mão curta, pesada,  
Fere-me, vá! Destroe a alvura  
De meu altar de sonhador!...

— Que a noite, a minha noite escura  
Em sangue mude a sua côr!...

CARMO VAZ

NOTURNO

Ai quando o quero  
E não posso.  
E contorço, retomo e persisto.

Ai quando o anseio  
E não toco.  
E suporto, noto e não insisto.

Ai o mel das falas suaves!  
(Quem me disse que eras tu,  
Se eu bem no soube, sempre?)

Ai a fome que é tanta,  
E não consome, nem já espanta  
Esta mágua, molhada em pranto  
Que nasce em todo o desencanto.

Ai o sonho que me sonharam  
E o pêso do dever  
Que aos ombros me lançaram.

Como foi, como foi  
Que te cravaram os olhos,  
Te vasaram as entranhas  
E te puseram a bailar ao vento  
Com palha por dentro?

Ai que eu já nem quero  
O que posso,  
Mas que sempre espero...

E ainda troço  
Desta espera torturada  
Da madrugada  
Que não há-de vir.

## BAILADORA DE SARI

Longe, muito longe,  
Perdida na noite dos tempos,  
Esbrazeada, hierática, antiga,  
Ela baila para mim...

Flôr de Lótus,  
No charco do meu sonho,  
Nascida no meu peito,  
Fecundada em meu sangue,  
Sombra anil do meu anseio,  
Ela baila...

E a curva do peito  
Traça no ar a graça  
De um puro geito  
Que breve perpassa.

Suave, suavemente,  
Tange na noite crua  
A viola, resto triste  
Do rito antigo, milenário.

Ó bailadora de Sari, bailadora triste!  
Se eu fôra a sombra de melancolia  
Que bóia no teu olhar que implora...

## CAMPOS DE FIGUEIRÊDO

### ESPÍRITO

Esta flor delicada,  
De que me vale?  
Só lhe devo o mal!

Esta flor delicada  
Que não veio do sangue, nem da raça,  
É a minha desgraça.

Quando eu nasci beijou-me a luz de um astro  
Que se apagou na madrugada...

Ai de mim! e nasceu esta flor delicada.

### POEMA

Eu sei que um dia irás, calada e pálida,  
Pôr flores no meu coval.  
Ah, mas por Deus, não chores uma lágrima!  
Chama por mim, baixinho...

Então verás as pétalas das rosas,  
Dos lírios, das violetas, dos crisântemos,  
acesas como estrêlas!

Sou eu que me ilumino  
Lá no fundo da noite,  
Para te ver no meu caminho!

# ANTÓNIO DE SOUSA

## CHARADA

O anjo acordou tarde.  
Já corridas as cortinas do céu,  
iam os sóis a caminho,  
cofiando as ígneas barbas.

Nem teve tempo de pentear as barbas...  
(Chamava-o cá de baixo o sino aflito.)

Desceu num vôo a pique,  
suspirou,  
sem dar por tal fêz um *tonneau*,  
e aterrou no telhado pacato.

O «Tigre» abriu um olho turvo,  
inquieta  
diante daquela pomba que não podia caçar.  
(Comer os deuses é façanha de homens!...)

Por baixo do telhado havia uma trapeira;  
na trapeira, entre outras coisas, havia uma cama;  
na cama havia um homem a bocejar.

— Senhor doutor!

(Era a criada com o pequeno almôço e o jornal.)

O anjo espreitava pelo alhoio,  
e quando o homem, regalado, acendeu um cigarro,  
fêz-se um novelhinho de fumo,  
e ao primeiro sorvo entrou-lhe para a alma.

Depois o melhor da história começou.  
O anjo era um anjo bom.  
Aquela cidade era correta e boa,  
num país histórico e bom, bom, bom,  
— o melhor dos melhores entre os melhores países.

Eu contava a história se soubesse  
a linguagem dos homens-anjos de manhã até à noite,  
mas não sei!...

Talvez *depois*, na mesa-pé-de-galo  
— uma pancada: *a*; duas pancadas: *b*; etc.  
Talvez *depois*...



# ANTÓNIO PEREIRA

## RUA DO MAR

A minha rua é só de pescadores,  
Famílias ignoradas, marés mortas...  
A minha rua não tem nome  
Nem tem números nas portas.

Na minha rua o mar é todo o mundo...  
Tôdas as lágrimas e alegrias,  
Bôas-novas, naufrágios, maresias,  
— Tôdas as notícias veem do mar ao fundo!

## PEQUENO POEMA

Em minha casa somos todos poetas:  
O meu pai vive o mar como quem vive um poema  
E sonha alto com as maresias...  
A minha mãe sonha comigo todos os dias,  
A minha avó sonha com o céu rezando terços...  
E eu, talvez o menos poeta,  
Escrevo os versos...

*JOSÉ MOREIRA*

## FÁBRICA

Quando do lançamento da primeira pedra,  
houve festa e discursos,  
e música e foguetes...

Todos os olhos postos  
na nova construção,  
tôdas as almas satisfeitas  
e novas esperanças no amanhã...

Mas foi só naquele dia,  
— Dia da inauguração!

Agora, as chaminés  
lançam seu fumo negro e sinistro,  
as máquinas rolam sem cessar  
e a vida na fábrica é coisa vulgar  
de lucros e produção!

## TURISMO

Não fiques aí à porta,  
extasiado pelas linhas suaves  
do edifício moderno da fábrica.

Entra... e respira êste ar  
de trabalho inglório,  
ouve êste ruído, que para êles  
já não tem nexo, nem som,  
pois é o diapásão de todos os dias...

Talvez então...  
não tires a máquina fotográfica,  
nem graves esta imagem:  
É tudo tão feio neste interior...

Mas mesmo que o faças,  
podes crer,  
que não é numa fotografia  
que fica gravado o seu sofrer.

*MANUEL TERROSO*

SOBRA

Parou a morte na estrada.

Levou, primeiro um mendigo,  
Levou, depois, um escravo,  
De mais além, um humilde.

Foi, no mendigo, o martírio  
E foi, no escravo, a justiça  
E foi, no humilde, a verdade.

Partiram...

E outros ficaram  
A pensar dos que partiram  
Por essa noite adiante...

A pensar dos que partiram  
Que a morte, se a vida é dura,  
Não mata a vida de todo!

*JOSÉ PALLA E CARMO*

## SINGELEZA

Um homem chorou diante da dor do mundo  
Feliz dêle que sentiu.

Uma criança abriu os olhos maravilhados  
Feliz dela que viu.

Um ser humano descobriu o segrêdo da vida  
Feliz dêle que sorriu.

Olho para mim nada vejo  
E mesmo assim  
Feliz de mim por qualquer coisa...

# CADERNOS DE POESIA

*Colaboradores do 1.º caderno :*

Carlos Macêdo  
Duarte de Montalegre  
Gomes de Andrade  
Manuel Vicente  
Maya Villaça  
Noël de Arriaga  
Silva Maya

**ALTURA**

47, Rua Cândido dos Reis, 49 // Pôrto

Maio de 1945

TIP. DA ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA, L.<sup>ª</sup>  
Rua Cândido dos Reis, 47-49. Tel. 547

— PÔRTO —